

Proseando

Nutrir esperança é preciso

Dias atrás, uma ex-aluna falou-me que continua a ler “Navegando nas Palavras” pela internet. Parabenizou-me pelo fato de eu não repetir ou “colar” textos anteriores. Haja imaginação – concluiu.

Agradeço o cumprimento e a observação, querida jovem. Como já disse, meus textos nascem das minhas leituras de revistas e de jornais, das minhas anotações e de incentivo como o seu. Confesso que, ultimamente, está difícil começar um texto; o cenário não anda nada bom. Não dá para olhar para ele com cara de paisagem como se estivesse tudo bem. É carne adulterada. É febre amarela. É falta de vacina. É desemprego. E como não bastasse tudo isso, ouço falar de eleição em lista fechada de candidatos selecionados pelos partidos. É muito triste!

Diante de tantos problemas e de tantos escândalos, de vez em quando, até nutrimos a esperança de que possam surgir medidas que aliviem o sofrimento e o desespero da população. Mas não. Os parlamentares legislam em causa própria com o objetivo de tornarem-se impunes e de esconderem-se dos eleitores por meio da lista fechada. Não tenho conhecimento para redigir um texto sobre política, mas como cidadã e eleitora posso e devo dar minha opinião. Propor votação em lista fechada é um desrespeito à população. É uma afronta. Pobre país: sobram problemas. Falta vergonha.

Desculpem-me o desabafo, mas já fui cobrada por não fazer menção à situação do país. Como já disse, não saberia. Essa frigideira de escândalos vai muito além de minha compreensão e muito aquém de meu conceito de dignidade e de patriotismo. E o de que vem a ser política. Para encerrar essa desagradável prosa sobre o país, nada melhor que a frase de Oswaldo Aranha: O Brasil é um deserto de homens e de ideias. A frase foi dita em 1930 e, infelizmente, tão atual.

Estou tentando mudar de assunto; navegar nas palavras para mostrar ao jovem que, independentemente dos maus exemplos dos políticos, logo ali, a esperar por eles está um futuro melhor. Escrevo ouvindo televisão. É propina. É delação e por aí vai... Penso no poder de destruição dos políticos e de alguns empresários. Além do estrago que fizeram no país, conseguiram invadir nossas almas, tirando-nos as palavras de otimismo. Tirando-nos o prazer de sorrir. Fico preocupada, mas observo que não sou a única. As pessoas não conseguem mais se reunir com amigos para uma conversa gostosa; o assunto é sempre o mesmo: É lista de Janot. É propina. É a falência moral do país.

Sei que tenho de mudar de assunto, mas ouço uma repórter falar que os parlamentares declaram-se estáticos e de boca aberta com as denúncias do empresário Marcelo Odebrechet e demais executivos da empresa. E nós, como estamos? Difícil descrever. Com instituições quebradas. Saúde Pública, Segurança Pública quase inexistentes. Professores, policiais e algumas carreiras de funcionários públicos sem salários.

Bem, hora de mudar de assunto. Vou fazer minha Declaração de Imposto de Renda. Ah! com muito cuidado, pois qualquer falha o Leão pega rapidinho. Rapidinho. Ele não perdoa. Mais uma vez, confesso que não entendo bem como o país chegou à situação em que está sem atuação do Leão. Ele é tão eficiente! Não entendo como tantos conseguiram em pouco tempo acumular tanta riqueza, nas júbas do Leão. Entendeu, querida aluna, por que prefiro as minhas crônicas do dia a dia? Gosto mesmo é de recolher sentimentos. Palavras cotidianas. Gosto mesmo é de reunir a vida do meu “espaço”. A vida cotidiana da alma da “minha gente”.

Senhores políticos, já devastaram o país. Já devastaram empresas e instituições. Por favor, parem. Não devastem nossas almas. Não devastem os sonhos e o futuro dos nossos jovens. Faço um pedido a todos os jovens: Não desanimem diante de tanta corrupção. O país precisa de vocês.

Profª. Sueli Palma

Novidades do mês



A sabedoria
de Tyrion Lannister
Lambert Oaks



Noite sobre águas
Ken Follet



O espelho e os outros
contos
Machado de Assis

Citações

É no desprezo dos pequenos deveres que se faz a aprendizagem das grandes faltas (Suzanne Necker).

A respeito de política (...) eu continuo a não ter fé em ninguém e a achar todos os mesmos (Florbela Espanca).

Sem política não se organiza uma sociedade. O problema é que a sociedade está nas mãos de políticos profissionais (José Saramago).

Não há nada errado com aqueles que não gostam de política, simplesmente serão governados por aqueles que gostam (Platão).

Sugestão Cultural

Sugestão de Leitura: Sueli Brás Monteiro da Palma, professora corretora de redação, indica a leitura do livro “A livreria mágica de Paris” – que retrata o poder dos livros e como as histórias mudam nossas vidas. Monsieur Perdu tem um barco chamado Farmácia Literária onde vende livros como se fossem remédios; sabe exatamente que livro cada cliente deve ler para amenizar o sofrimento e tornar a alma mais leve. Infelizmente, não consegue curar seu sofrimento – consequência de uma desilusão amorosa que o aflige há 21 anos. Um romance envolvente. Emocionante.

Filme: Quanto Vale ou é por Quilo – drama que faz analogia entre o antigo comércio de escravos e a exploração da miséria que existe atualmente. Polêmico, o filme faz crítica às Organizações Não-Governamentais (ONGs), expondo a solidariedade de fachada que não passaria de uma desculpa para corrupção e captação de recursos.

Direção – Sergio Bianchi

Ano – 2005

País – Brasil

Fonte: www.adorocinema.com.br

14 de Maio: Dia dedicado a você, Mãe. Nem que recorresse a poetas e escritores conseguiria descrever a importância de sua missão: ACOLHER. PROTEGER. ACALENTAR. AMAR. Deixo a todas as mães, um abraço carinhoso.

(Sueli Palma)



Texto do mês

Lya Luft: O sentido das coisas (adaptação)

Escrevendo sobre a situação do Brasil um pequeno livro que deve aparecer em breve, observo ainda mais intensamente o que acontece, tanta coisa inacreditável, mas real. Assim reflito quase constantemente sobre todas as loucuras, baixezas, perigos, sustos, desalentos atuais, aqui e ali uma luzinha minúscula que logo bruxuleia. Vai se apagar para sempre? Nada é para sempre. As coisas más, as fases ruins, também hão de passar. Mas, no momento, não sou otimista. Falsidade, mentiras, arzinho superior e palavras fantasiosas sobre questões fundamentais, apontar o dedo para o adversário, tudo é pior do que a dura verdade. Assustam-me discursos com que neste momento dramático alguns negam ou diminuem a gravidade da situação, revelando-se o desvio de inacreditáveis fortunas que deveriam atender ao povo mais carente, a maior vítima desse desastre, um povo despossuído, sem as coisas essenciais que lhe têm sido negadas – não por uma fatalidade, mas por ganância de quem já tinha uma boa fortuna, mas queria mais, e mais.

Hoje, os acusados reagem com ironias, ameaças, invenções: mas fizeram de nós um dos piores países do mundo em quase tudo, sobretudo educação e segurança. Ninguém assume sua responsabilidade; antes, critica adversários ou países mais adiantados, como se fôssemos todos uns pobres crédulos. Começamos a perceber o que se passa no nevoento território da política que fragilizou a economia, e é cenário de tão grave incompetência e irresponsabilidade. Na grande negociata nunca vista, quase todos tinham seu preço: não foi barato. Pouco sobrou para o brasileiro que ignorava esses fatos que atingiram seu bolso, sua esperança e suas possibilidades de uma vida decente.

A política influenciou e dominou nossa existência nos últimos anos, com gestão incompetente, péssimo planejamento, desorganização nas contas públicas, maquiagem do desastre que foi escondido de um povo mal informado porque mal escolarizado (não é por acaso que negligenciamos tanto a educação). A pátria-mãe desvia o rosto; nós, os filhos, largados na floresta como num conto de fadas sinistro. Os próprios investigadores das gigantescas fraudes, impressionados, admitem estar diante de tramas de dimensão e sofisticação nunca vistas.

A paisagem brasileira está de pernas para o ar: nada faz muito sentido, tamanho o escândalo. Para começar, os salários com que tentamos manter uma vida honrada são patéticos diante das cifras roubadas, apresentadas pelos competentes e corajosos investigadores. Irresponsabilidade e incompetência comandaram as façanhas que esfacelaram o país, agora rebatizadas de “malfeitos”. Espantoso: os desvios não eram efetuados por bandidos oficiais, mas por grandes empresários que admitem, talvez forçados pelo medo, que, se não tivessem entrado no esquema de corrupção e pagado as irreais propinas, suas companhias teriam ficado “de fora” da roda dos mafiosos, prejudicando seus acionistas e trabalhadores. Quase todos afirmam com veemência que de nada sabiam: viviam em outro planeta. Não saber de nada passou a ser um triste refrão.

Os investigados, denunciados e presos continuam protestando contra tamanha maldade: todos vítimas do lobo mau da Justiça. Seus defensores encenam uma ópera-bufa de delirantes explicações: roubalheira mascarada de comportamento legal, nos parâmetros da decência. Se essas ficções patéticas fizessem sentido, nunca teria havido tantos inocentes no mundo: as elites e os estrangeiros seriam os culpados. Essa farsa acabou: não há desculpa perante uma nação ferida.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
 Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
 Profª. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede.
 Editoração: Caio Morotti Mello. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
 Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
 www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

NÃO ERRE MAIS

Policiais não **deteram** os criminosos. – O verbo **deter** é derivado de **ter**; logo, deve seguir sua conjugação. Se eles **tiveram**, o correto é **deteram**.

Foram chamados os que ainda não **deporam** na CPI. – Os derivados do verbo **pôr** devem seguir sua conjugação. Se eles **puseram**; o correto é **depueram**.

O juiz **entreviu** no caso. – O verbo **entervir** deve seguir a conjugação do verbo **vir**. Se ele **veio**, o correto é **enterveio**.

Ele não tinha **intervido** no caso. – O particípio do verbo **vir** é **vindo** (igual ao gerúndio); o correto é **intervindo**.

Está prevista uma **paralização** para a próxima semana. – Se **paralisa** se escreve com **s**, as palavras derivadas devem ser grafadas com **s**: **paralisar** e **paralisação**.

Ele luta por sua **ascensão profissional**. – Os substantivos derivados de verbos terminados em **ender** (apreender, pretender, compreender, ascender) devem ser escritos com **s**: **apreensão**, **pretensão**, **compreensão**, **ascensão**.

Vire **a** esquerda. – Formas femininas que indicam “lugar”, “direção”, recebem acento indicativo da crase. Vire **à** esquerda.

Obras **à** cem metros. – Antes de palavras masculinas não há crase. Obras **a** cem metros.

Não **estrupe** a nossa língua. – O verbo é **estuprar**. **Estuprador** é quem comete o **estupro**.

Não **depedre** a sala de aula. – O verbo é **depredar**; quem destrói comete **depredação**. Nada tem a ver com pedras; jogar pedras é **apedrejar**.

Não **seje** infeliz. – Não **seje**, nem **esteje**, muito menos **teje**. Os verbos **ser**, **estar** e **ter**, no presente do subjuntivo, são: **seja**, **esteja** e **tenha**.

Por **hora** não há o que comentar sobre o assunto. – As expressões **por hora** e **por ora** dependem do contexto. **Por hora** está relacionada a um intervalo de 60 minutos. Ex^o: Ele pedala 20km **por hora**. **Por ora** significa simplesmente “por enquanto”.

A reunião começará às 20hrs. – As abreviaturas do sistema Métrico Decimal não têm plural nem ponto. Ex.: 20h/ 6km/ 8m/ 15kg.

Não sabiam **aonde** ele estava. – Utiliza-se **aonde** apenas com verbos de movimento. Ex.: Não sei **aonde** ele quer chegar./ **Aonde** vamos?

Fazem duas décadas – O verbo fazer, quando exprime tempo, é impessoal. Ex.: **Faz** duas semanas./ **Fazia** dois anos./ **Fez** vinte dias.

Espero que ainda haja pessoas vivas aí **de baixo**. – Para indicar plano inferior usa-se **debaixo**. Ex.: Espero que ainda haja pessoas vivas aí **debaixo**. / Na casa **debaixo** morava um primo meu. **De baixo** usa-se isoladamente (roupa **de baixo**), para indicar lugar de onde parte algo (a barata saiu **de baixo** da mesa) e quando equivale a inferior (um porão fica sempre na parte **de baixo** da casa).

Cheguei muito tarde **em casa**. – O verbo chegar usa-se com a preposição **a**. Ex.: Cheguei **à** casa muito cedo.

Comentar sobre – Ninguém comenta nada **sobre** coisa alguma. Quem comenta, comenta alguma coisa. Ex^o: O povo **comentou esse escândalo** de corrupção.

FONTE: Corrija-se de A a Z – Luiz Antonio Sacconi / www. Embrapa.com.br